



# A Evolução da Arte da Guerra na Idade Média

Nilson Vieira Ferreira de Mello\*

Reprodução de aula proferida, pelo autor, no Curso de Pós-graduação em História Militar da UNIRIO, dia 12 de julho de 2000.

A Idade Média, por convenção meramente didática, é o espaço de tempo compreendido entre a queda do Império Romano, em 476, e a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453. Trata-se, portanto, de um longo período histórico de dez séculos, simultaneamente considerado um tempo de obscurantismo e também de grande fermentação cultural.

Um historiador francês do século passado (Michélet, 1798-1874) chamou a Idade Média de *Noite de mil anos*. Com efeito, se a compararmos com os nossos dias, sem dúvida a consideraremos como uma época de obscurantismo e

muito sofrimento para a humanidade. Mas, se a compararmos com os tempos precedentes, veremos que ela não foi assim uma era tão negativa. Quanto ao obscurantismo cultural, basta lembrar que foi nela que se fundaram as grandes universidades européias, como a de Paris, a de Salerno e a de Bolonha. No século XIII, o dominicano Alberto Magno (1200-1280) e Santo Tomás de Aquino (1225-1274) pontificaram na filosofia, enquanto na ciência destacava-se o frade franciscano Rogério Bacon (1222-1292) com seus trabalhos sobre mecânica, ótica e química. Nas letras, Dante (1265-1321), Petrarca (1304-1374)

e Boccaccio (1313-1375) são nomes inesquecíveis, assim como não se pode esquecer a contribuição da Igreja na preservação do acervo clássico.

Porém, é na concepção do homem como ser dotado de atributos sagrados que mais se evidenciam as diferenças positivas da Idade Média cristã do passado politeísta. O mundo antigo viveu mergulhado na mitologia, incentivadora de vícios e crueldades. Os deuses exaltavam algumas virtudes; mas, por outro lado, consagravam taras as mais abjetas. Sátiros, faunos, Príapo e Baco tiveram seus altares e legiões de adoradores. O politeísmo, longe de inculcar nos espíritos a noção da

\* Coronel de Cavalaria e Estado-Maior.

dignidade do homem, sacralizava suas fragilidades, como o ciúme, a inveja, a vingança e tantas outras. As graves deficiências morais da Antigüidade só eram superadas quando a guerra dava aos povos antigos um destino cívico, submetendo a existência individual ao interesse da coletividade. Era já uma idéia de pátria, que iria se sublimar nos exemplos de virtude cívica da República Romana e da Grécia ao tempo das guerras persas.

Todavia, se a brilhante civilização clássica legou-nos tantas obras de deslumbrante beleza, tanto materiais como espirituais, também nos deixou exemplos degradantes de crueldade e de aviltamento humano. A escravidão existiu por toda a Antigüidade, e os amores infames professados pelas mais eminentes figuras da Grécia e de Roma, como o homossexualismo, o adultério e o incesto, são nós que mancham o brilho de uma era tão decantada.

Não obstante, o aspecto mais chocante dos tempos antigos é a crueldade. Ainda na fase áurea dos Antoninos havia o costume de se expor os filhos diante da porta de casa quando não se queria criá-

los, uma forma abjeta de infanticídio legal. Essa crueldade, que permeava toda a sociedade politeísta, tornava-se espetacular nos divertimentos de incrível ferocidade com que se apraziam os antigos. Os combates de gladiadores e o espetáculo de sadismo coletivo de feras estraçalhando e devorando homens inermes servem de marca de uma época de absoluto desprezo pela vida do ser humano.

Ao Cristianismo devemos a mudança dessa mentalidade, iniciada pela imolação do monge romano Telêmaco, canonizado pela Igreja por seu martírio e, que diante do imperador, desceu à arena e separou os gladiadores, sendo em seguida feito em pedaços pela multidão. Mas foi, sobretudo, pelo dogma da criação do homem à semelhança de Deus que a noção da dignidade humana tem prosperado.

É oportuno lembrar que a idéia de uma Idade Média como um tempo de transição entre a Antigüidade e a Idade Moderna aplica-se, sobretudo, à civilização ocidental. Nos mil anos medievais, na Índia e na China floresceram civiliza-

ções muito antigas e adiantadas, enquanto nas vastidões do interior asiático e na África, povos viviam ainda o estágio de tribos nômades.

## DECADÊNCIA E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

No alvorecer do século IV, a civilização clássica evidenciava sinais de decadência. Roma, após conquistar praticamente todo o mundo então conhecido, mostrava-se enfasiada de poder. Suas legiões, instrumento fundamental de sua grandeza, vinham desde muito sendo degradadas, na mesma medida em que a sociedade civil se corrompia.

A cultura latina, diferentemente da grega, caracterizava-se por realizações concretas mais do que por idéias especulativas e de criatividade artística. Roma nutria-se de suas conquistas. O Império, o Estado, suas leis e a *pax romana*, apoiados no Exército, eram sua razão de ser.

Ora, esse exército, fator de sua glória, entrara num processo de decadência desde o século III, quando se acentuou a infiltração estrangeira em suas fileiras, iniciada ao tempo de César

que, após conquistar a Gália, incorporou ao Exército uma legião gaulesa, a Legião Cotovia, e outros contingentes bárbaros, na maioria para integrar sua cavalaria. Mais tarde, no Baixo Império, a quase totalidade da cavalaria romana era constituída por soldados de origem bárbara.

Essa persistente infiltração assumiu gravidade quando as fronteiras ficaram entregues a contingentes desfalcados, majoritariamente constituídos de soldados estrangeiros. Constantino (306-337), que instituiu o Cristianismo como religião oficial do Estado, fundou Constantinopla preocupado com a defesa da fronteira do Danúbio e da Pérsia. Contraditoriamente, porém, diminuiu o efetivo das legiões para 1.500 homens em benefício de uma força de intervenção, denominada *comitatus*, que vencia soldo maior do que o percebido pelos legionários da fronteira, gerando ressentimentos. Juliano, cognominado *o Apóstata* porque repudiou o Cristianismo, admitiu francos ao serviço do Estado, designando-os *auxiliares perpétuos* e destinando-lhes terras no Baixo Reno.

Em Roma, a Guarda Pretoriana crescia em prestígio político, disputando com outras legiões o privilégio de fazer os imperadores. Como estes costumavam gratificar os soldados da legião que os apoiara com uma gratificação, o *donativus*, logo o processo de escolha do imperador tornou-se um rendoso negócio para os legionários, conspurcando a política e corrompendo o Exército.

Nesse quadro de decadência generalizada, intensificaram-se as pressões sobre as fronteiras do Império, motivadas pela atração natural que uma cultura mais avançada exerce sobre outra mais atrasada, e também pela migração de tribos bárbaras, vindas de leste, que empurravam as que já estavam estabelecidas na periferia. Assim, na segunda metade do século IV, romperam-se as fronteiras no Reno e no Danúbio, cujas águas congeladas permitiram fácil travessia: os godos derramaram-se pelo vale do Danúbio, atingindo os Bálcãs, a Itália e a Espanha, enquanto os francos, ultrapassando o Reno, ocuparam a Gália e os anglos e saxões fixaram-se na Inglaterra.

Por seu turno, as forças do Islã, repelidas em Constantinopla após oito anos de lutas (668 a 675), durante as quais teve destaque o uso do *fogo grego* para conter os sitiantes, rumaram para o norte da África de onde passaram para a Espanha e o sudoeste da França.

Das estepes asiáticas, os hunos, povos de língua mongólica liderados por Átila, partindo dos territórios atuais da Hungria e da Transilvânia, irromperam pela Europa ocidental para serem detidos, já bem no interior do continente, na Batalha de Chalons (451). Com a morte do *Flagelo de Deus* pouco depois dessa batalha, os hunos foram forçados a retroceder para o Danúbio.

Obrigada a fazer face a tantas invasões e debilitada pelos desmandos internos, Roma afinal caiu diante do godo Odoarco, no ano de 476, marco convencionalmente como o início da Idade Média.

## O BARBARISMO

A Idade Média, do ponto de vista da evolução da arte militar, pode ser dividida em duas fases: a do Barbarismo e a do Feudalismo.

Passado o caos que se seguiu à queda do Império Romano do Ocidente, os bárbaros invasores foram paulatinamente abandonando seus hábitos tribais e nômades e absorvendo noções dos latinos, noções de organização estatal.

Vários reinos foram sendo formados, como o dos francos na Gália, dos anglos e saxões na Inglaterra, dos visigodos na Península Ibérica e dos ostrogodos na Itália.

Esses povos, todos de origem germânica, vinham de um passado tribal cuja organização social era bastante rudimentar. Os chefes da tribo eram eleitos pela comunidade e exerciam autoridade sobre todas as atividades, a mais importante das quais era a guerra. As terras eram de propriedade comum e distribuídas periódica e temporariamente aos membros da tribo, que as exploravam precariamente. A caça, por isso mesmo, era uma atividade necessária, pois contribuía para aperfeiçoar as armas e o treinamento para as guerras. Falavam diferentes dialetos germânicos que, aos poucos, foram incorporando expressões latinas. Psicologicamente, eram essencial-

mente belicosos. Suas crenças e suas lendas giravam em torno de atos de violência, que um ambiente rude e uma sobrevivência difícil estimulavam. Acreditavam que morrer lutando era uma forma de alcançar a vida eterna, crença que ainda mais lhes exaltava a natural agressividade.

Nessa sociedade guerreira, os indivíduos mais impetuosos tinham dificuldade de se manter dentro dos tênues limites estabelecidos pela organização social. Escolhiam então um líder em torno do qual se agrupavam para dar vazão ao seu irreprimitível gosto pela ações agressivas. Esses grupos ficaram conhecidos por *bandas de guerra* e foram, a principio, combatidos pelos responsáveis pela defesa do Império, até que estes perceberam que seria mais vantajoso colocá-los a seu serviço, inclusive na guarda das fronteiras.

O armamento desses povos bárbaros era acorde com seu espírito ofensivo. Desprezavam equipamentos defensivos, como couraças e capacetes, e usavam armas de grande poder de ferir, como espadas longas, cutelo, lança e uma espécie de dardo que, preso a

uma corda, podia ser recuperado, à semelhança de um arpão. A arma mais original era uma espécie de machado de cabo curto, usado pelos francos. Conhecida como *francisca*, podia ser usada na luta corpo a corpo e como arma de arremesso.

### CARLOS MAGNO

Carlos Magno, rei dos francos de 768 a 814 (46 anos), representa o ponto de transição entre o barbarismo e o feudalismo. Dotado de vocação de estadista, recuperou a noção romana de Estado, fortalecendo o poder central e expandindo os limites de seu reino, transformando-o num grande Império. Inteligente, compreendeu a necessidade de se aliar à Igreja para realizar seu ambicioso plano de expansão. Quando o rei da Lombardia ameaçou os Estados pontifícios, Carlos Magno foi em socorro do Papa, ocupando não apenas aquele reino, mas todo o restante da Itália. Anexou, ainda, a Aquitânia, a Saxônia e, após 30 anos de lutas, a Baviera. Depois de haver alargado os limites do seu reino de forma extraordinária, teve de desistir da conquista da

Espanha, após o decantado episódio dos desfiladeiros de Roncevaux, na qual a retaguarda do seu exército, comandada por Rolando, um dos seus lendários 12 pares, foi trucidada. No natal de 800, recebeu das mãos do Papa a coroa imperial com a qual ficava restaurado o Império do Ocidente, por uma ironia da História pelas mãos de um soberano de origem bárbara

Do ponto vista militar, Carlos Magno foi, indubitavelmente, o maior general da Idade Média. Suas famosas *Capitulares* estabeleceram regras para a organização do exército, serviço militar, justiça e disciplina e mobilização, assuntos que, se hoje nos são perfeitamente familiares, representavam, à época, inovações verdadeiramente revolucionárias, pois tiravam a atividade militar do empirismo para o planejamento refletido.

Como comandante de tropa em operações, sempre deu um cunho moderno aos seus objetivos, selecionados por critérios políticos com vistas à expansão do Estado, e não por intenções de lucro imediato, através da pilhagem. Aliás, esta estava formalmente proibida,

somente sendo permitido às suas tropas obterem água, lenha e verduras nas áreas em que operavam. Sua estratégia e sua tática não ficaram claramente registradas para os pósteros.

Todavia, pelo estudo de suas campanhas, induz-se que selecionava adequadamente seus objetivos estratégicos e usava expedientes tais como aliar-se ao Papa e respeitar as peculiaridades culturais dos países anexados. Distribuíam suas forças nos teatros de operações com lucidez, regulava seus movimentos e concentrava esforços para obter a decisão.

Taticamente, estudava o dispositivo do inimigo para determinar a forma de atacá-lo e vencê-lo, e disto é prova suficiente o sucesso que obteve nas 54 campanhas que empreendeu.

### O FEUDALISMO

Terminado o curto interregno de poder centralizado, proporcionado pelo Império de Carlos Magno, voltou a Europa a fragmentar-se em numerosos reinos, enquanto nova onda de invasões a assolavam.

Da Escandinávia saíam os *vikings* que, navegando nos seus esplêndidos barcos de proa alta (os *drakkar*), realizavam incursões pelo Mar Báltico, o Atlântico Norte e

*Do ponto vista militar, Carlos Magno foi, indubitavelmente, o maior general da Idade Média. Suas famosas Capitulares estabeleceram regras para a organização do exército, serviço militar, justiça e disciplina e mobilização, assuntos que, se hoje nos são perfeitamente familiares, representavam, à época, inovações verdadeiramente revolucionárias, pois tiravam a atividade militar do empirismo para o planejamento refletido.*

o litoral da Mancha, a Sicília e o sul da Itália, tendo mesmo atingido a Islândia, a Groenlândia e, até, o continente americano. *Viking* na realidade, era o nome pelo qual os escandinavos designavam os seus reis ou chefes e que, por extensão, passou a designar todos os povos do norte. Na Inglaterra, chegaram a estabelecer uma monarquia (1016) e, penetrando pelos grandes rios da Rússia, fundaram uma colônia em Novogorod, bem no interior do país.

Essas incursões dos nórdicos eram violentas e bru-

tais, bem ao estilo bárbaro. A despeito dos esforços despendidos para reprimi-las, os *vikings* fixaram-se na França, na área que passou a ser chamada de Normandia, transformada pelo rei em ducado feudal sob sua suserania.

Por seu turno, os sarracenos, impulsionados pelo expansionismo religioso do Corão, conquistaram o sul da Itália, a Sicília e a Sardenha, enquanto os magiares, a leste, penetravam na Germânia, de onde só saíram em 955.

Todas essas incursões, de povos que não professavam o Cristianismo, despertaram uma premente necessidade de defesa. Diante da ausência de um poder central forte, os senhores locais foram assumindo essa função de defesa, recebendo do rei, detentor nominal de todas as terras do reino, bens fundiários como recompensa, já que não havia um sistema fiscal capaz de gerar bens de outra natureza. Dessa maneira, todos os senhores medievais dos anos mil eram grandes proprietários de terra, fossem descendentes da nobreza carolínea (nobreza de sangue), fossem de nobreza guerreira, isto é, adquirida

nas lutas em defesa do reino. De forma análoga, a Igreja expandiu muito as suas propriedades nas áreas rurais, pois suas abadias, transformadas em verdadeiras fortalezas, abrigavam os camponeses das imediações quando das incursões de não-cristãos. Em suma, duques, condes, barões e marqueses, juntamente com bispos e abades, acabaram por concentrar em suas mãos enorme somas de poder, inclusive funções nitidamente de governo como justiça e, obviamente, segurança.

Sinteticamente, pode-se dizer que a sociedade medieval estruturava-se em três ordens: a dos *oradores* a dos *bellatores* a dos *laboratores*, esses últimos desprezados, mas que deviam matar-se de trabalho para que os das outras duas ordens pudessem orar e guerrear.

O feudalismo, no seu sentido estrito, era o laço que unia, na sociedade medieval, o suserano a cada um dos seus vassalos e vice-versa. O feudo, inicialmente concedido *pela vida*, logo se tornou hereditário e os vassalos, por sua vez, o foram dividindo e passando para os seus filhos, aumentando assim, crescente-

mente, as relações suserano/vassalo. Uma conseqüência disso foi o empobrecimento de uma grande parte da sociedade medieval, cujos feudos foram se tornando menores toda vez que eram repartidos por herança. Esses senhores empobrecidos tornaram-se sensíveis a quaisquer aventuras que pudessem fortalecer-lhes a fazenda, como as Cruzadas, por exemplo, mas que afinal mostrou-se geradora de pobreza ainda em maior escala, como veremos adiante.

Os deveres dos vassalos resumiam-se ao *consilium* e ao *auxilium*, isto é, participar dos conselhos do suserano e prestar-lhe serviço militar. Por sua vez, o suserano devia ao seu vassalo proteção em quaisquer circunstâncias, na paz ou na guerra.

Os vassalos, termo proveniente da palavra céltica *gwias*, eram homens livres e seu dever maior em relação ao suserano era de natureza militar, fundado em juramento solene cuja quebra implicava em perjúrio, crime imperdoável, na época.

Esses senhores feudais acabaram por constituir uma confraria, a dos cavaleiros, e uma instituição de imensa influência, na Ida-

de Média e muito além dela, a Cavalaria.

Ser cavaleiro era o desejo de todo jovem e implicava em severa preparação em artes marciais, como manejar armas e praticar equitação. O cerimonial de sacração era impressionante. O candidato, na véspera, orava, jejuava, assistia missa e tomava a eucaristia, cortava os cabelos em sinal de obediência e vestia-se de branco. Passava a noite em vigília de armas e, no dia da cerimônia, envergava um manto vermelho, da cor do sangue que irá derramar pela religião e pelos princípios da Cavalaria, após o que ajoelhava-se diante do seu padrinho que lhe desferia no ombro a espadeirada, simbolizando a última injúria que receberia sem reagir. Em seguida, o padrinho entregava-lhe as esporas douradas e proferia as palavras rituais de sacração: *Em nome de Deus, de S. Miguel e de S. Jorge, eu te faço cavaleiro. Sê denodado, bravo e fiel.* O novo cavaleiro jurava então... *derrear o sangue pela religião, pelo rei e pela pátria, e na defesa das mulheres, dos órfãos e dos oprimidos; obedecer aos superiores e ser como irmão para os*

*iguais; não aceitar pressão de príncipe estrangeiro, nem faltar nunca à palavra dada, nem manchar os lábios com mentiras e calúnias.*

Ligados por esse ritual, os cavaleiros, no seu conjunto, constituíam a Cavalaria, instituição que se assemelhava às sociedades heréticas e isotéricas. Essa instituição não pode ser confundida com a Arma de Cavalaria. Conquanto esta última tenha assimilado muito dos valores ideais da instituição feudal, a Arma existia, desde antes da Idade Média, como um ramo importante das forças combatentes. Muitos estudiosos situam o nascimento da Cavalaria como Arma na célebre Batalha de Canae (216 a.C.) quando Aníbal, comandante cartaginês, em absoluta inferioridade numérica (50 mil cartagineses contra 70 mil romanos), soube empregar magistralmente suas duas frações de combatentes montados, estas sob o comando de Asdrúbal e Maharbal, para infringir pesada derrota aos romanos de Varro (48 mil mortos e 13 mil prisioneiros do lado romano, contra apenas 6 mil baixas cartaginesas).

Aliás, o próprio termo *cavalaria*, segundo abaliza-

dos pesquisadores, teria derivado da palavra sânscrita *akva*, que designava as plataformas utilizadas pelos persas e macedônios para obter uma posição de dominância do guerreiro, no combate. Dario, no século IV a.C., e Alexandre, no século III da mesma era, empregaram largamente essas plataformas, bem como formações a cavalo na busca da dominância, potência de choque e mobilidade no combate. Outros são de opinião que *cavalaria* viria de *cava*, espécie de lança longa com que eram armados, na Antigüidade, os guerreiros que combatiam montados.

## A IGREJA E AS CRUZADAS

A Igreja teve uma influência enorme na Idade Média, inclusive na arte militar. O Cristianismo abrandou a rudeza dos costumes, limitou de alguma forma os conflitos, inspirou as Cruzadas e criou as ordens monásticas militares.

A Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, por exemplo, teve uma influência tal que, até hoje, ainda dela encontramos vestígios. Criada na Terra Santa, seus cavaleiros, ao retornarem à

Germânia após o desaparecimento dos reinos cristãos do Oriente, de lá partiram, num esforço continuado a cavaleiro do Elba, até atingirem as margens do Lago Ladoga, no extremo noroeste da Rússia. Foram eles que derrotaram Tamerlão (Timer i Leng = Timer, o *Coxo*), diante de Breslau, no século XIII, e essa vitória teve conseqüência mais importante para a Europa, por impedir sua islamização pelos mongóis, do que, por exemplo, a Guerra dos Cem Anos, na verdade uma guerra civil entre europeus. Foram eles, ainda, que fundaram a Prússia, de enorme influência na evolução da arte da guerra, berço de grandes estudiosos de estratégia e de tática, como Frederico, o *Grande*, e Clausewitz.

O emblema da Ordem, uma cruz cujos braços se alargam nas extremidades, é o mesmo que vem sendo pintado nas viaturas, blindados e aviões alemães desde a Primeira Guerra Mundial e constitui a mais alta condecoração militar germânica, a Cruz de Ferro.

Os Cavaleiros Teutônicos, como os Hospitalares e os Templários, eram monges-soldados, que aliavam a

tenacidade religiosa com a impetuosidade guerreira.

As Cruzadas, série de expedições militares destinadas a libertar a Terra Santa do domínio muçulmano, ocorreram num período de dois séculos. Foram realizadas oito expedições, sem contar a organizada contra os hereges, a primeira das quais foi proclamada pelo Papa Urbano II, no Concílio de Clermont, em 1095. Inspiradas pela Igreja e não por qualquer outro poder temporal, tiveram um início triunfante, não tanto por atingirem seu objetivo, mas por terem provocado um dos mais assombrosos movimentos de massa que a História registra.

Após a morte do último imperador do Ocidente, Rômulo Augusto, a Igreja tornou-se o único poder efetivo em toda a Europa, até porque naqueles tempos de religiosidade exaltada acreditava-se que qualquer poder, para ser legítimo, tinha de receber a bênção canônica. Ela era a única fonte dos valores morais e espirituais, e seus membros, em particular frades e monges, pois que os padres seculares deixavam-se corromper pelos vícios do tempo, desenvolviam o pensamento intelec-

tual, preservavam a cultura clássica e a língua latina. Mas não se limitavam a isto; trabalhando a terra com as suas próprias mãos, davam exemplo aos camponeses e ensi-

*Após a morte do último imperador do Ocidente, Rômulo Augusto, a Igreja tornou-se o único poder efetivo em toda a Europa, até porque naqueles tempos de religiosidade exaltada acreditava-se que qualquer poder, para ser legítimo, tinha de receber a bênção canônica.*

navam-lhes técnicas agrícolas, de grande utilidade naquela sociedade medieval, essencialmente rural.

No campo moral, a Igreja tentou como pôde abrandar a grosseria e agressividade do homem medieval. Com maior ou menor sucesso, procurou acabar com as guerras, ou ao menos diminuí-las, entre os senhores feudais que, na ausência de um poder central repressor, compraziam-se em desafiar e combater seus vizinhos, alegando motivos fúteis. Instituiu as chamadas *tréguas de Deus*, dias ou períodos em que ficavam proibidas todas as atividades guerreiras; porém, nem sempre respeitadas. Dos púlpiti-

tos, pregava respeito aos enfermos, aos velhos, à mulher e aos órfãos, preceitos que foram incorporados ao ideário da Cavalaria. Enfim, a própria instituição cavaleiresca é obra inspirada pela Igreja, tanto quanto as Cruzadas. Mas, nem tudo foi influência positiva da religião. Muito se poderia falar das tolices, crendices e desvios de comportamento disseminados pela religião mal compreendida e pior ensinada. Para não nos alongarmos, basta citar o chamado *jugamento de Deus*. Essa rematada tolice consistia em submeter partes em litígio, fossem elas simples indivíduos ou coletividades, a provas tais como andar sobre brasas, ou baterem-se em torneios ou justas; enfim, qualquer façanha de conseqüências presumivelmente graves. Aquele ou aqueles que sofressem danos ou perecessem seriam os culpados, pois teriam sido julgados diretamente por Deus.

Não é possível deixar de acrescentar que a Igreja, como obra humana e, portanto, falível, praticou muitos outros deploráveis desvios do que pregou o Cristo, em nome de quem ela exerce seu ministério. As

Cruzadas, em particular a levantada contra os albigenses, a própria instituição da Cavalaria e, mais do que tudo, a Inquisição serviram de pretexto para os mais sórdidos atos de crueldade, impiedade e desonestidade.

No final do século XIV, o sistema feudal atingira o ápice de uma crise, em grande parte motivada pelas Cruzadas. Muitos dos poucos cavaleiros que conseguiram retornar das sangrentas expedições à Terra Santa voltaram endividados e, para pagarem essas dívidas, alienavam bens de toda natureza, em particular patrimônio fundiário. Essa enorme transferência de rendas beneficiou comerciantes, banqueiros e agiotas, bem como a Igreja, que alargou, por essa forma, suas propriedades territoriais. O centralismo monárquico alcançou novo e vigoroso fortalecimento, permitindo, inclusive, a criação de exércitos reais constituídos permanentemente e por profissionais. No campo intelectual e artístico, esboçava-se já o despertar do Renascimento, em particular na Itália, onde Dante, ao fixar o italiano, *...la lingua toscana in bocca romana*, criava as condições para a posterior unificação da península.

Convém agora dizermos alguma coisa sobre Gêngis Cã e os mongóis. Esse povo asiático e seu grande líder do século XIII lograram conquistar um imenso império que se estendia do Extremo Oriente à Europa oriental. E o fizeram unicamente empregando judiciosamente sua extraordinária cavalaria. Foi o conjunto formado pelo cavaleiro nômade, habituado a viver sobre sua montaria, e o pequeno, ágil e resistente cavalo das estepes que constituíram esse eficiente binômio de combate. Gêngis Cã foi notável organizador dividindo seu exército em progressivas frações decimais cuja célula, de dez homens, apresentava enorme coesão, devido ao fato de esses combatentes jamais se separarem, senão pela morte.

#### A GUERRA DOS CEM ANOS (1337 – 1475)

Em 1340, o rei da Inglaterra Eduardo III, alegando direitos dinásticos como herdeiro direto da monarquia capetiana, proclamou-se rei da França. Era o início de uma longa disputa, que passou à História como a Guerra dos Cem Anos.

Na verdade, mais do que meros direitos dinásticos, estavam por trás da atitude de Eduardo, como de resto de todas as guerras, poderosos interesses políticos, econômicos e até psicológicos. O rei inglês queria ter a soberania plena sobre a Gúiana e a Gasconha, partes que lhe restaram da Aquitânia que, cinco séculos antes, Eleonor levara para Henrique II, pelo casamento. O rei de França ainda detinha uma soberania maior, como suserano, a chamada *superioritas et resortum*, segundo a qual os habitantes podiam recorrer a ele que decidia os conflitos em última instância. Como, quase sempre, suas decisões favoreciam os cidadãos em detrimento dos senhores ingleses, a situação era uma fonte constante de atritos. Economicamente, o outro lado da Mancha exercia uma permanente atração, pois eliminaria o isolamento parcial em que viviam os negociantes ingleses, particularmente os de lâ.

A alegação de direitos sucessórios era, todavia, de suma importância, a fim de caracterizar a *guerra justa*, uma base jurídica indispensável para a requisição de ajudas feudais, para a ben-

ção da Igreja (*proteção de Deus*, cujo julgamento deveria manifestar-se no resultado das batalhas) e para dar direito ao butim, à prática da pilhagem e do resgate de prisioneiros, recompensa pelo risco de vida por uma causa *justa*.

Como a monarquia inglesa era aparentada da francesa, por suas origens sangüíneas e culturais comuns, alguns estudiosos consideram a Guerra dos Cem Anos uma verdadeira guerra civil. No início do conflito, a maioria dos quadros do Exército inglês era de ascendência francesa, descendentes de Guilherme, o *Conquistador*, Duque da Normandia, que, três séculos antes, conquistara a Inglaterra, derrotando o Rei Haroldo na Batalha de Hastings (1066). O idioma que falavam era composto de 70% de vocábulos franceses e, até hoje, a divisa da monarquia britânica está escrita em francês (*Dieu et mon droit*).

Essa guerra, longa de 137 anos e entrecortada de numerosas tréguas, dará o golpe final no feudalismo. Nela surgirá o emprego das armas de fogo, o declínio da Cavalaria como arma dominante no campo de

batalha, o fortalecimento do poder central e da idéia de nacionalidade, os exércitos profissionais permanentes. Foram tão grandes suas

***Essa guerra, longa de 137 anos e entrecortada de numerosas tréguas, dará o golpe final no feudalismo. Nela surgirá o emprego das armas de fogo, o declínio da Cavalaria como arma dominante no campo de batalha, o fortalecimento do poder central e da idéia de nacionalidade, os exércitos profissionais permanentes.***

repercussões que seu término assinala, praticamente, a fim da Idade Média. Entretanto, suas três principais batalhas (Crécy, Poitiers e Azincourt) foram tipicamente batalhas feudais, como mostrado nos tópicos a seguir.

#### • Crécy (1346)

No verão de 1346, as exércitos de Eduardo III e de Filipe VI operavam em território da França, no vale do Rio Somme e próximo ao litoral. O rei inglês informado de que Filipe VI reunira um poderoso exército para interceptá-lo, decidiu evitar o combate e

chegar a Calais, afastando-se de Paris. O Exército francês, em marcha forçada, procurou cortar a direção de marcha do inimigo, mas Eduardo, percebendo que seria alcançado, resolveu ocupar uma posição defensiva favorável numa pequena elevação, onde passou a noite. Os cavaleiros franceses, confiantes na vitória, escolhiam, enquanto marchavam, os prisioneiros mais rentáveis para a cobrança de resgate. Filipe VI, não tendo podido alcançar os ingleses em fim de jornada, resolveu fazer alto para passar a noite; porém, o fez muito distante da posição de Eduardo. Ao alvorecer do dia seguinte, o Exército francês teve de fazer uma longa marcha de aproximação para o combate, quase sempre sob chuva. O contato com o inimigo só foi estabelecido à tarde, com o Sol que declinava ofuscando a vista dos franceses. Por volta das 16h, Filipe lançou o ataque, com a tropa cansada, sem reconhecimento do terreno e do inimigo e de uma linha de partida desfavorável. Nesse momento, conselheiros ainda quiseram sustar a ação, recomendando a Filipe que deixasse para o dia seguinte

o combate. O rei acatou o conselho e deu contra-ordem, porém já era tarde. Das tropas francesas fazia parte um corpo de besteiros genoveses, cujas armas, pesadas e desconfortáveis para o transporte, haviam sido molhadas pela chuva, perdendo eficiência. Sem esperar que os cansados genoveses comessem a atirar sobre a posição inglesa, os impetuosos cavaleiros, montados e pesadamente encouraçados, lançaram-se ao ataque morro acima, atropelando os besteiros que, a essa altura, já iniciavam o retraimento. Enquanto isto, os arqueiros ingleses cobriam os atacantes com uma densa chuva de setas, aumentando a confusão. Os cavaleiros franceses, honrando os preceitos cavalleirescos, lançaram mais quinze ataques à posição inimiga, todos sem coordenação e que resultaram em mais perdas e mais confusão. Os cavaleiros ingleses, então, desceram a pé a elevação e, antecidos pelos arqueiros e apoiados pelos lanceiros galeses, armados de facas, trucidaram os nobres franceses, inermes em suas pesadas armaduras quando desmontados de seus cavalos.

Crécy foi o túmulo de 1.200 cavaleiros, a flor da nobreza francesa, e um rude golpe na maneira feudal de fazer a guerra.

A vitória de Eduardo deve ser creditada a diversos fatores. Certamente, o Exército inglês estava melhor comandado, melhor organizado, mais treinado e mais disciplinado. O lado francês, como vimos, cometeu diversas falhas, antes e durante a batalha. A ambos não faltou ardor e bravura.

Contudo, um dos fatores que mais contribuíram para o resultado em favor dos ingleses foi uma inovação militar e que se tornaria a desgraça da França, nas duas outras batalhas capitais dessa guerra: Poitiers e Azincourt.

Refiro-me ao grande arco galês de 1,80m de comprimento e que, em mãos treinadas, podia lançar 12 flechas de 90cm a uma cadência de tiro de 12 por minuto, enquanto os besteiros do Exército francês só conseguiam lançar duas. Essa arma extraordinária podia alcançar 300m e espetar na sela a perna de um cavaleiro a 200m.

Foi ainda em Crécy que surgiu a artilharia de armas de fogo com a bombarda,

ancestral do canhão, que produzia mais efeitos pelo estrondo (daí o nome) do que pelo projétil que lançava, uma bala de ferro esférica, de diâmetro inferior ao calibre do tubo, o que resultava em imprecisão do tiro.

Foi nessa batalha que ocorreu um episódio que caracteriza dramaticamente a mentalidade do cavaleiro medieval. A Boêmia havia se aliado a Filipe VI contra os ingleses e seu Rei João, que havia ficado cego num torneio, estava presente em Crécy. No auge da refrega, pediu aos seus cavaleiros que o levassem bem para o meio do *entrevero*. Doze deles ataram as rédeas de seus cavalos umas nas outras e, juntamente com o rei cego, foram para onde mais violento estava o combate. Os corpos do rei e de seus companheiros foram encontrados no dia seguinte, com os cavalos ainda atados uns aos outros.

#### • Poitiers e Azincourt

Não vamos comentar detalhadamente essas outras duas batalhas, nas quais os franceses repetiram quase os mesmos erros cometidos em Crécy. Deixamos o estudo dos pormenores delas à curiosidade do leitor. Acrescentaremos apenas que, em Poitiers, a cavalaria francesa, julgando estar aproveitando a experiência dolorosamente colhida dez anos antes, apeou diante da cavalaria inglesa a cavalo, quando foi feito prisioneiro seu rei, João III, o *Bom*, pelo Príncipe de Gales, conhecido como o Cavaleiro Negro devido à cor da armadura que usava.

#### CONCLUSÕES.

A Idade Média, considerando-se sua longa duração e o fato de ser um período marcado por guerras e invasões, contribuiu pouco para a evolução da arte militar.

Embora a instituição da Cavalaria privilegiasse princípios morais, o materialismo impôs-se através da prática da cobrança de resgate de prisioneiros e da pilhagem, verdadeiros flagelos da tática.

O exército feudal, formado pela arregimentação temporária de senhores feudais, ciosos de sua posição e independência, era difícil, se não impossível, de comandar (exceção para os exércitos ingleses de Crécy, Poitiers e Azincourt).

As deficiências do exército feudal conduziram à paulatina formação dos exércitos do rei, em bases mais regulares e profissionais (criação das Companhias de Ordenança, em 1445).

Com os erros cometidos pela Cavalaria na Guerra dos Cem Anos e com o aparecimento das armas de fogo, a Infantaria retoma seu papel preponderante no campo de batalha. ☉

*“Quem não lê, não pensa, e quem não pensa será para sempre um servo.”*

*Paulo Francis*